

# Motivação e não sinonímia em gramática de construções: o caso das construções [se fazer de x] e [dar uma de x]

## Motivation and non-synonymy in construction grammar: the case of [se fazer de x] and [dar uma de x]

Wallace Bezerra de Carvalho\*  
Robson Borges Rua\*\*  
Diogo Oliveira Ramires Pinheiro\*\*\*  
Diego Leite de Oliveira\*\*\*\*

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo se debruçar sobre os Princípios da Motivação Maximizada e da Não Sinonímia (GOLDBERG, 1995) a partir da descrição e da análise das construções gramaticais “se fazer de X” e “dar uma de X”. Para tanto, este estudo parte de um viés funcionalista, tendo como aporte teórico principal os estudos relacionados à Gramática de Construções Baseada no Uso (HOFFMANN, 2022; AUTOR; PEREK, 2015; GOLDBERG, 2006). Para descrição e análise do objeto, lançamos mão dos *corpora Corpus do Português* e *Corpus Brasileiro*, de

Recebido em 7 de maio de 2024.

Aceito em 24 de setembro de 2024.

<https://doi.org/10.18364/rc.2025n68.1419>

\* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro  
wallacebcarvalho@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4468-6844>

\*\* Universidade Federal do Pará, robson.rua.ufpa@gmail.com  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9070-7098>

\*\*\* Universidade Federal do Rio de Janeiro, diogopinheiro@letras.ufrj.br  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2403-5040>

\*\*\*\* Universidade Federal do Rio de Janeiro, diegooliveira@letras.ufrj.br  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0601-4131>

forma que tivéssemos acesso a dados reais de uso. Esta pesquisa, portanto, dados seu arcabouço teórico e sua metodologia, visa contribuir com os estudos das expressões idiomáticas do português brasileiro, bem como com o campo da Gramática de Construções Baseada-no-Uso.

**Palavras-chave:** Gramática de Construções Baseada no Uso; Expressões idiomáticas; Morfossintaxe; Construção gramatical.

#### ABSTRACT

In this research we aim to examine the Maximizing Motivation and No Synonymy Principles (GOLDBERG, 1995) through the description and analysis of two different, but similar, grammatical constructions from Brazilian Portuguese: “*se fazer de X*” and “*dar uma de X*”, roughly meaning “one pretending to be something that one is not”. In order to do that, we base our studies on the Usage-Based Construction Grammar approach (HOFFMANN, 2022; AUTOR; PEREK, 2015; GOLDBERG, 2006). So we can describe our analytical object, we use the *Corpus do Português* and the *Corpus Brasileiro corpora*. Considering this research theoretical frame and methodology, we aim to contribute to the studies of Brazilian Portuguese idioms, as well as to contribute to the Usage-Based Construction Grammar field.

**Key-words:** Usage-Based Construction Grammar; Idioms, Morphosyntax; Grammatical construction.

## Introdução

A Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), vertente de orientação cognitivo-funcional da Gramática de Construções (GC), se caracteriza por aderir a dois princípios basilares da longa tradição funcionalista em linguística: de um lado, a ideia de que a forma gramatical é (em alguma medida) motivada, e não arbitrária (HAIMAN, 1980; 1983; 2008; DUBOIS, 1985); de outro, a ideia de que duas formas distintas devem necessariamente apresentar alguma diferença semântica e/ou pragmática (BOLINGER, 1968; HAIMAN, 1985; CROFT, 2001). No campo específico da GC, as duas formulações mais conhecidas dessas hipóteses são o Princípio da Motivação Maximizada e o Princípio da Não Sinonímia (GOLDBERG, 1995).

Este artigo busca explorar esses dois princípios – ou, mais amplamente, as duas hipóteses marcadamente funcionalistas associadas a eles – por meio da análise de duas construções gramaticais idiomáticas do português brasileiro: as construções SE FAZER DE X, que apresenta a forma [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de X], e DAR UMA DE X, que tem a forma [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de X]. Esses padrões podem ser ilustrados, respectivamente, pelos seguintes exemplos (1) e (2):

(1) Eu ainda iria dar muito antes de casar, desculpa, mas não sou hipócrita, nem me faço de santa, gosto de sentimentos, mas pra haver sentimentos, não precisa de um contrato enfiado no meio disso.<sup>1</sup>

(2) Fizeram muitas coisas de errado e agora querem dar uma de santinho. Quando eram jogadores, fizeram m... Inclusive, usaram drogas<sup>2</sup>

Como se observa, ambas as construções não apenas têm em comum o caráter idiomático (isto é, o fato de que o significado não pode ser calculado composicionalmente) quanto parecem compartilhar ainda um significado básico, que pode ser informalmente capturado como {APARENTAR SER ALGO QUE NÃO SE É}. São precisamente essas duas afinidades que tornam esse par – uma espécie de mini família construcional (DIESEL, 2019) – particularmente propício à investigação das hipóteses da motivação e da não sinonímia. De um lado, o caráter idiomático parece desafiar a ideia de motivação: afinal, haveria alguma razão para que, por exemplo, os verbos presentes nas construções sejam, especificamente, “dar” e “fazer”? De outro, a evidente proximidade semântica entre os dois padrões, conforme verificado no cotejo entre (1) e (2), parece desafiar a ideia de não-sinonímia: afinal, se tanto (1) quanto (2), por exemplo, podem ser informalmente parafraseados como “aparentar ser santo, quando a rigor não se é”, não estaríamos aqui diante de formas distintas com significado equivalente?

1 Retirado de: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/lolita-3873024/capitulo9>

2 Retirado de: <http://www.pressreader.com/brazil/agora/20111105/282488590516246>

Para responder a essas questões, este artigo se fundamenta, do ponto de vista teórico, no paradigma da Gramática de Construções Baseada no Uso (HOFFMANN, 2022; Autor; PEREK, 2015; GOLDBERG, 2006; dentre muitos outros), vertente de orientação funcional-cognitiva da Gramática de Construções. Do ponto de vista metodológico, recorre-se a uma análise interpretativa de dados reais extraídos do Corpus do Português (DAVIES, 2006-) e do Corpus Brasileiro, este último disponível em <https://www.linguateca.pt>.

Este artigo se organiza como segue. Na próxima seção, apresentamos o arcabouço teórico que fundamenta o trabalho; na terceira seção, descrevemos a metodologia adotada; na sequência, a quarta seção lida com a descrição dos dados, seguida da discussão e de uma breve conclusão.

## 1. Arcabouço Teórico

Para este trabalho, utilizamos como arcabouço teórico estudos em Gramática de Construções Baseada no Uso (doravante, GCBU)<sup>3</sup>. Nessa perspectiva, consideramos construções como pareamentos de forma e significado/função (cf. GOLDBERG, 2006, CROFT 2001, BYBEE 2010). Além disso, assumimos que experiências com o uso real de uma língua associada à aplicação de processos cognitivos de domínio geral (BYBEE, 2010) é que permitem a emergência da gramática. Nesse contexto, o conhecimento gramatical dos falantes se estabelece em forma de rede, obedecendo a alguns princípios psicológicos. Os tópicos a seguir aprofundarão essas questões.

### 1.1 A Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU)

Entendemos por GC uma série de propostas de tratamento do conhecimento gramatical, que concebem a língua como um inventário estruturado de construções, geralmente entendidas como pareamentos

---

3 Conferir, para um panorama geral, os trabalhos de Autor e de Autor.

forma-função. Nessa perspectiva, o foco recai na estrutura de superfície e na concepção de que léxico e sintaxe formam um contínuo na rede de construções, como já visto, denominada *constructicon*.

Diferentes concepções da GC são descritas pela literatura especializada<sup>4</sup>. Tendo em vista essa diversidade, o presente trabalho se fundamenta na GCBU (cf. AUTOR; AUTOR). Nessa linha, o conhecimento gramatical dos seres humanos surge a partir da experiência com o mundo biossocial e da experiência com a língua em si. Além disso, a capacidade da linguagem é entendida como fruto da conexão entre outras cognições humanas, tais como memória, raciocínio lógico, capacidade de categorização, capacidade de analogização, entre outros. Com isso, passa-se a entender a capacidade de linguagem não como uma faculdade independente, um módulo da mente, mas como produto de interações entre cognições.

No âmbito da GCBU, utilizamos primordialmente a concepção defendida por Goldberg (1995) e Goldberg (2006). Goldberg (1995) apresenta uma possível definição de construção gramatical, complementando-a em seu trabalho de 2006, considerando a frequência de uso de uma construção, tal como amplamente defendido em abordagens baseadas no uso (cf. BARLOW E KEMMER, 2000; BYBEE 2006). Tais definições sugeridas por Goldberg são apresentadas abaixo:

“C é uma construção se, e somente se, C é um pareamento forma-significado  $\langle F_j, S_j \rangle$ , em que algum aspecto de  $F_j$  ou algum aspecto de  $S_j$  não seja exatamente previsível a partir dos componentes de C ou de outras construções previamente estabelecidas” (GOLDBERG, 1995, p. 4)<sup>5</sup>

“Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não

4 Conferir Goldberg (2013).

5 C is a CONSTRUCTION iff<sub>def</sub> C is a form-meaning pair  $\langle F_i, S_i \rangle$  such that some aspect of  $F_i$  or some aspect of  $S_i$  is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions.

seja estritamente previsível a partir de suas partes ou de outras construções conhecidas. Além disso, padrões são armazenados como construções mesmo se eles são totalmente previsíveis, contanto que ocorram com frequência suficiente.” (GOLDBERG, 2006, p. 5)<sup>6</sup>

Considerando as definições de Goldberg (1995, 2006) é possível aplicar o conceito de construção a diversos padrões da língua, desde que constituam um pareamento de forma linguística – seja do ponto de vista fonológico (segmental ou suprasegmental), morfológico ou sintático – e significado, seja do ponto de vista semântico, pragmático e ou discursivo-funcional (cf. CROFT 2001). Esse conceito, portanto, dá conta, tal como defendido por Autor, da totalidade do conhecimento linguístico do falante, abarcando os mais diversos aspectos da língua, desde palavras, até construções mais abstratas. A tabela abaixo, extraída de Autor, ilustra alguns dos padrões linguísticos abarcados pelo conceito de construção:

| CONSTRUÇÃO                                   | EXEMPLOS  |
|--|---|
| Palavra                                      | a, abacaxi, gato, Zico  |
| Estrutura morfológica                        | des-V (ex: <i>desligar</i> ), N-ciro (ex: <i>jornaleiro</i> )   |
| Expressão idiomática preenchida              | chutar o balde, bater as botas  |
| Idiomatismo formal (parcialmente preenchido) | dar uma de ADJ (ex: <i>dar uma de maluco</i> ); que mané X (ex: <i>que mané descanso</i> ; <i>que mané não vai ter copa</i> ) |
| Construção bitransitiva                      | SUJ V OD OI<br>(ex: Francisco deu uma peteca para Fidel)  |
| Construção passiva                           | SUJ AUX SV <sub>PARTÍCIPIO</sub> PP <sub>POR</sub><br>(EX: A peteca foi comprada pela Liana)                                  |

Quadro 1 – Retirado de AUTOR

6 Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency.

Neste trabalho também consideramos as perspectivas de Traugott e Trousdale (2013) e Booij (2010). Com relação aos primeiros, são adotadas as propostas de análise das construções, de acordo com as dimensões de esquematicidade (propriedade de categorização das construções, a qual envolve abstração), produtividade (o grau em que construções mais esquemáticas sancionam e/ou restringem construções menos esquemáticas) e composicionalidade (o grau de transparência e analisabilidade entre forma e significado). No que se refere ao segundo, adotamos o mesmo tipo de formalização, que representa as construções, situando o polo formal à esquerda e entre colchetes, e o polo funcional à direita, entre chaves, unido ao polo formal por uma seta bidirecional ( $\leftrightarrow$ ). Nesse tipo de formalização, índices subscritos são utilizado para conectar partes que possuem a mesma referência e estejam conectadas na construção. A título de exemplo, retomamos os exemplos (1) e (2), desta vez representados como (3) e (3): respectivamente:

(3) [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de X]  $\leftrightarrow$  {fingir ser algo que não é}

(4) [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de X]  $\leftrightarrow$  {fingir ser algo que não é}

## 1.2 Princípios psicológicos de organização da linguagem

Em seu trabalho de 1995, Goldberg, com base em contribuições da linguística de orientação cognitivo-funcional (Haiman, 1985; Lakoff 1987; Langacker 1987), propõe que todo o conhecimento gramatical do usuário de uma língua emerge a partir da interação entre habilidades psicológicas dos seres humanos. A partir dessa ideia, a autora expõe quatro princípios psicológicos que organizariam o conhecimento linguístico, a saber, o princípio da Motivação Maximizada; o princípio da Não Sinonímia; o princípio do Poder Expressivo Maximizado; e o princípio da Economia Maximizada. Aqui nos debruçamos especificamente sobre os dois primeiros, por entendê-los como fundamentais para as discussões a serem empreendidas.

O princípio da não sinonímia diz respeito à impossibilidade de, em um mesmo sistema linguístico, construções com formas diferentes possuírem funções idênticas e é assim formulado pela autora:

“Se duas construções são diferentes sintaticamente, elas devem ser diferentes semântica ou pragmaticamente (cf. Bolinger 1968; Haiman 1985a; Clark 1987; MacWhinney 1989). Aspectos pragmáticos das construções envolvem particularidades de estrutura informacional, incluindo tópico e foco, além de aspectos estilísticos da construção, tal como registro (discussão na seção 1.1)

*Corolário A:* Se duas construções são diferentes sintaticamente e sinônimas S(emanticamente), então elas não devem ser sinônimas P(ragmaticamente).

*Corolário B:* Se duas construções são diferentes sintaticamente e sinônimas P, então elas não devem ser sinônimas S.”<sup>7</sup> (1995: 67, tradução nossa)

Dessa forma, a teoria tem como entendimento apriorístico que nenhuma construção em um sistema linguístico será exatamente igual à outra. Se esse princípio estiver correto, não há possibilidade de que as construções investigadas neste trabalho sejam completamente sinônimas, pois diferenças em sua forma acarretariam mudanças semânticas e/ou pragmáticas.

O Princípio da Motivação Maximizada, por sua vez, diz respeito à relação entre construções no *constructicon*. Para Goldberg (1995), uma vez que todo o conhecimento gramatical é interconectado, as construções que

---

7 If two constructions are syntactically distinct, they must be semantically or pragmatically distinct (cf. Bolinger 1968; Haiman 1985a; Clark 1987; MacWhinney 1989). Pragmatic aspects of constructions involve particulars of information structure, including topic and focus, and additionally stylistic aspects of the construction such as register (cf. discussion in section 1.1).

Corollary A: If two constructions are syntactically distinct and S(emantically)-synonymous, then they must not be P(ragmatically)-synonymous.

Corollary B: If two constructions are syntactically distinct and P-synonymous, then they must not be S-synonymous.

apresentam relações formais também exibiriam relações funcionais, já que, psicologicamente, os seres humanos aludem, sob uma mesma categoria, itens de estrutura similar que, por esse motivo (a princípio), possuiriam funções similares. Vejamos a definição do princípio da Motivação Maximizada sugerida por Goldberg (1995, p. 67):

“Se construção A é relacionada à construção B sintaticamente, então o sistema da construção A é motivado no que se refere à sua semântica pela construção B (cf. Haiman, 1985a; Lakoff, 1987). Tal motivação é maximizada.” (1995: 67, tradução nossa)

A esse propósito, Goldberg e Van der Auwera (2012) investigam a assim chamada construção *is to*, do tipo *The match is to begin at 11pm*, observando que suas propriedades podem ser motivadas a partir de outras construções bem conhecidas na língua inglesa, dentre as quais a construção de sujeito-predicado, a construção de auxiliar modal, assim como a construção de complemento infinitivo, por meio de relações hierárquicas de herança. No que diz respeito às construções analisadas no presente trabalho, o objetivo é observar se tais construções podem ser motivadas ou não a partir de construções existentes na língua portuguesa.

Observando as construções postas em análise, o que percebemos são conexões formais claras com outras construções da língua portuguesa. Sem dúvidas, a construção [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de X] compartilha de sua forma com o verbo FAZER. A construção [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de X], por sua vez, compartilha com o verbo DAR parte de sua forma. Então, os questionamentos que se levantam são: (i) o Princípio da Motivação Maximizada se sustenta também nesse caso ou essas construções mostram que nem toda construção formalmente similar também é funcionalmente? e (ii) quais características funcionais são compartilhadas entre as construções em questão e aquelas a que são formalmente relacionadas?

## 2. Metodologia

Ao adotarmos uma perspectiva baseada no uso, consideramos que o uso afeta as representações linguísticas e, por isso, instâncias reais de uso da língua podem consistir em material interessante para se chegar a generalizações relevantes acerca da arquitetura gramatical de uma língua. Dessa forma, recorreremos a um banco de dados que possa assegurar quantidade considerável de material linguístico. As fontes escolhidas para o mapeamento das instâncias reais de uso da língua, ou seja, os construtos foram o *Corpus do Português* (<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>) e, também, o *Corpus Brasileiro* (<http://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CBRAS>), acessado através do site *Linguatca* (<http://www.linguateca.pt/>), que reúne uma série de *corpora* do português. Ambos foram escolhidos por conta da facilidade de acesso, bem como pelo tamanho: o *Corpus do Português* reúne, aproximadamente, um bilhão de palavras, e o *Corpus Brasileiro*, mais de 900 milhões de palavras.

Selecionados os *corpora* utilizados para a análise, aferimos se as construções sob análise apresentavam uma estrutura mais esquemática, ou seja, se além dos itens lexicais FAZER e DAR, tais construções permitiriam o uso de outros verbos como, por exemplo, MONTAR ([MONTAR uma de X] ou [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> MONTAR<sub>flexão</sub> de X]. Como esse não foi o caso, as análises se restringiram aos verbos primeiramente estabelecidos como parte da construção. Além disso, mapeamos os usos dos referidos verbos em suas formas flexionadas, de forma a perceber se há alguma especificação para a construção no que se refere ao tipo de flexão verbal empregada, bem como aferir quais formas pronominais eram mais utilizadas. Por fim, formalmente, era preciso também descrever as classes gramaticais que ocupariam o lugar de ‘X’ em ambas as construções.

Além de características formais relacionadas às construções, também era preciso descrever suas características funcionais, a fim de conferir se a semântica de tais construções era de fato idêntica como observado à primeira

vista. Portanto observamos se, nas instâncias de uso, existiam características discursivas, pragmáticas e semânticas específicas que as distinguíssem.

Para alcançar os objetivos referidos nos parágrafos anteriores, utilizamos a sintaxe de busca oferecida pelos próprios *corpora*. No *Corpus Brasileiro*, o comando utilizado para encontrarmos os resultados pretendidos foi o uso das instâncias de uso de diferentes pronomes reflexivos, diferentes flexões do verbo, além da preposição ‘de’ entre aspas, de acordo com o seguinte padrão: “me” “fiz” “de”; “dei” “uma” “de”; etc. Tal procedimento foi executado manualmente para cada pronome e flexão verbal específicos. No *Corpus do Português*, dois comandos mais gerais foram utilizados. Para a construção [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de X], o comando utilizado envolvia inserir um pronome reflexivo específico mais a estrutura ‘FAZER\_v de’. Para a construção [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de X], o comando utilizado foi ‘DAR\_v uma de’. Nesse corpus, as palavras especificadas em minúsculas retornam resultados idênticos e palavras especificadas em maiúsculas retornam resultados relacionados ao paradigma da palavra, a estrutura ‘\_v’ indica se tratar de um verbo.

### 3. Descrição dos dados

A partir da análise dos dados das construções [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de X] e [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de X] obtidos, chegamos a algumas sistematizações relativas ao polo funcional das construções. Dessa forma, algumas hipóteses puderam ser confirmadas, outras negadas, assim como novas descobertas se tornaram claras. A seguir, são oferecidas descrições formais e funcionais das construções, bem como discussões à luz dos princípios psicológicos postulados por Goldberg (1995). Por fim, uma proposta de representação das construções é oferecida.

### 3.1 O problema da não sinonímia

Como já mencionado em outros momentos deste texto, um dos desafios mais relevantes colocados pelas construções analisadas se refere ao princípio da Não Sinonímia. Em uma primeira análise, mais superficial, ambas as construções parecem ser idênticas quanto a seus contextos de uso. A partir disso a questão levantada é: esse caso, em específico, viola o princípio da Não Sinonímia? Se sim, seria necessário rever alguns aspectos da teoria. Se não, quais seriam as diferenças relevantes entre elas? Para responder tais questões, analisamos os contextos de uso de cada construção, para daí observarmos suas semelhanças e diferenças.

Ambas as construções compartilham um significado básico, quando analisamos os contextos em que eram utilizadas nos dois *corpora* empregados neste trabalho, a saber, {aparentar ser algo que não é}, como exposto anteriormente. Porém, ao coletarmos mais contextos de uso, verificamos que as construções sob análise apresentam comportamento diferenciado em contextos de uso real.

Com vistas a desenvolver uma análise mais aprofundada, buscamos, inicialmente, especificar aspectos formais, tanto da construção [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de X] quanto da construção [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de X]. Tendo em vista os resultados retornados pelas pesquisas em *corpora*, pudemos perceber que as construções seguiam fortes tendências em termos de forma e função. Nos parágrafos que se seguem, procedemos primeiramente à descrição da construção [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de X], para em seguida descrevermos a construção [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de X].

No que tange aos aspectos formais da construção, a primeira questão a ser respondida refere-se à natureza do pronome átono. Percebemos, de partida, que é parte inviolável da construção que o pronome esteja relacionado ao sujeito, i.e., que seja um pronome reflexivo. Ainda em relação ao pronome, era necessário verificar sua posição em relação ao verbo. Diante disso, averiguamos, com base nos dados analisados, que apesar de o pronome

reflexivo poder ocupar, em relação ao verbo, tanto posição proclítica quanto enclítica, há uma tendência ao uso da próclise nos dados disponíveis. Talvez isso ocorra por conta da própria preferência do português brasileiro pela posição proclítica para pronomes átonos.<sup>8</sup>

No que se refere ao uso do verbo ‘FAZER’, percebemos que diversas formas do paradigma relacionado ao verbo são utilizadas. Todas as formas nominais do verbo (‘fazer’, ‘fazendo’, ‘feito’) foram encontradas nas pesquisas. Da mesma forma, diversos tempos verbais são encontrados, havendo, porém, uma tendência maior ao uso de formas de presente e pretérito perfeito, e, em tempos verbais com disponibilidade tanto de formas simples como de formas compostas, a preferência se dá por formas compostas. Apesar de observarmos preferências no que se refere ao paradigma verbal, não é possível perceber relação entre essa preferência e as instâncias de uso, indicando alguma restrição. Da mesma forma, a preferência por uso de tempo presente e pretérito perfeito, assim como formas compostas de tempos verbais, parece estar mais relacionada a questões de registro do que com especificações da construção em si.

Ainda no polo formal da construção, é possível observar a invariância da preposição ‘de’. A ausência da preposição causa a emergência de outro padrão formal não investigado neste trabalho. É preciso ressaltar, ainda, que usos com outras formas, que não a preposição ‘de’, podem ser encontrados; porém, em combinações que veiculam informações parecidas com a construção aqui estudada, entretanto, como já mencionado, não se configura de forma idêntica.

Finalmente, no que tange aos itens que podem ocupar o *slot* X, os dados encontrados nos *corpora* analisados indicam que tal posição pode ser ocupada exclusivamente por sintagmas nominais (SN) e sintagmas adjetivais (SAdj). Assim, a estrutura final do polo formal da construção seria:

(5) [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de SN/SAdj]

8 Para maiores aprofundamentos sobre o assunto, conferir Vieira (2002).

Os mesmos procedimentos adotados para descrever a construção anterior também foram tomados para a descrição da construção [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de X]. Considerando o item que corresponde ao sujeito, é possível notar que, assim como acontece com a (agora) construção [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de SN/SAdj], o sujeito da construção [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de X] se configura como sendo compatível com qualquer pessoa do discurso, sejam elas plurais ou não. Notamos, entretanto, uma pequena preferência por sujeito de primeira e terceira pessoa (singular e plural), o que não revela tendências da construção em si, já que ruídos do registro podem ter influenciado a aparição dessa preferência. Diferentemente da construção [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de SN/SAdj], que apresenta preferências pelos tempos verbais presente e pretérito perfeito, além de formas compostas, a construção aqui descrita não sinaliza uma preferência em termos de estruturação morfossintática.

Em relação ao emprego do verbo, identificamos nos dados que o verbo ‘DAR’ é empregado tanto nas formas temporais quanto nominais. No que se refere às formas temporais, observou-se um baixo registro do verbo flexionado nessas formas. Contudo, o passado e o presente apresentam um número um pouco mais elevado em relação ao futuro. Por outro lado, no que se refere às formas nominais, o cenário é totalmente diferente, em que há um predomínio das formas de gerúndio e infinitivo, de modo que esta última é mais frequente. Essas informações ainda não são suficientes para se postular que a construção ora seleciona ou ora restringe uma determinada forma. Logo, pode-se considerar que há uma preferência ao uso das formas nominais de infinitivo para compor a construção em análise.

Outro aspecto a ser destacado é a presença obrigatória do artigo indefinido feminino, na forma singular, bem como da preposição ‘de’, que, se for retirada, resultará em uma forma diferente da construção deste estudo.

Por fim, o último elemento do polo formal é o [X], uma forma genérica que só pode ser mais bem descrita após a observação dos dados retornados na pesquisa em *corpora*. Da mesma forma que na construção anterior, verificamos que a posição de [X] era ocupada também, exclusivamente, por sintagmas

nominais (SN) e sintagmas adjetivais (SAdj). Assim, a configuração formal da construção em tela se dá da seguinte maneira:

(6) [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de SN/SAdj]

No que se refere ao polo funcional das construções, em dados de uso real, verificamos que a construção [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de SN/SAdj] apresenta contextos um pouco mais específicos em relação à construção [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de SN/SAdj], com maior abrangência de uso. Como apresentado nos exemplos a seguir, a construção [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de SN/SAdj] apresenta, além do significado básico {aparentar ser algo que não é}, o significado adicional que se resumiria em {ter intenções de ludibriar alguém}, estando essa intenção expressa linguisticamente ou não:

(7) “O invejoso sempre se faz de amigo(a), sonda sua vida só pra descobrir o que te faz feliz.” ([https://www.pensador.com/mensagens\\_para\\_amigos\\_falsos/10/](https://www.pensador.com/mensagens_para_amigos_falsos/10/))

(8) “Então, PCR assusta os habituados à escrita `jornalística' que se faz de ` isenta.’” (<http://lorotaspolicaseverdades.blogspot.com/2013/08/russia-tem-provas-de-que-os-rebeldes.html>)

Enquanto essa construção possui tal especificidade em seu significado, a construção [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de SN/SAdj] possui um significado mais geral, podendo ser usada em contextos em que se tem intenção de se ludibriar um terceiro, assim como em contextos nos quais essa intenção é inexistente, como visto em:

(9) Por isso que no Brasil todo mundo quer dar uma de malandro pra cima do governo, porque o governo tenta dar um de malandro pra cima do povo. (<http://blogdojotace.com>.)

br/forum/compras-internacionais/fui-tributado-e-o-preco-esta-errado-t127.html)

(10) O resto do elenco, Aracy Balabanian e Luiz Gustavo em especial, ficou tão mudo e constrangido quanto a platéia, que só soltou uma gargalhada histórica na hora em que Dercy resolveu dar uma de Isaac Newton e provar, usando os seios, que a Lei da Gravidade é mesmo implacável. (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/9/13/cotidiano/7.html>)

Dessa maneira, o Princípio da Não Sinonímia ainda se mantém estável. Apesar de competirem pelos mesmos contextos em alguns momentos, uma construção possui especificações que a outra não possui, fazendo delas funcionalmente diferentes.

Ainda se faz necessário explicar, porém, como as formas percebidas para as duas construções motivam alguns de seus significados. Tenta-se justificar, no próximo tópico, como outras construções, formalmente relacionadas, motivariam as funções descritas para as construções deste estudo neste tópico, assim como as idiossincrasias percebidas em [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de SN/SAdj] e [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de SN/SAdj], já que, a princípio, não há relação de significado entre essas construções e suas possíveis motivadoras.

### 3.2 O problema da motivação

Superficialmente, não é possível perceber como aspectos herdados pelas construções [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de SN/SAdj] e [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de SN/SAdj] contribuem para seus significados. Assim, de que forma o Princípio da Motivação Maximizada, apresentado no tópico de Arcabouço Teórico deste artigo, poderia ser justificado? Como se justificam as idiossincrasias das construções a partir de suas heranças?

A primeira especificação a ser descrita foi relacionada tanto ao sujeito quanto ao pronome reflexivo. Isso se deu por conta de, como já visto, ambos os itens possuem a mesma referência. Verifica-se que o sujeito, no polo funcional da construção, é especificado como sujeito [animado], e, mesmo que, prototipicamente, o item que ocupe a posição não seja [animado], percebe-se o fenômeno da coerção em ação, ao notarmos que é sempre o sujeito que realiza uma ação sobre si mesmo, mesmo sendo [inanimado], ganhando aspectos de animacidade por conta da sua presença na construção. Tem-se noção do descrito no exemplo a seguir:

(11) “Nós vivemos em um mundo que se faz de civilizado (<https://crendoerefletindo.blogspot.com/2013/09/ensaio-sobre-cegueira-jose-saramago.html>)

Considerando-se o verbo ‘FAZER’, percebe-se que, em sua utilização, o significado veiculado pela construção é um ato de ‘FAZER’ metafórico. Por esse sentido, o sujeito do verbo transforma a si mesmo, quase como em uma representação. Seguindo, o SN/SAdj que ocupa a última posição da construção passa a indicar o membro prototípico de uma categoria, como no exemplo em (1), retomado aqui em (12):

(12) “Eu ainda iria dar muito antes de casar, desculpa, mas não sou hipócrita, nem me faço de santa, gosto de sentimentos, mas pra haver sentimentos, não precisa de um contrato enfiado no meio disso.” (<https://www.spiritfanfiction.com/historia/lolita-3873024/capitulo9>)

No exemplo apresentado, entende-se que alguém age de forma a se assemelhar ao membro prototípico da categoria ‘santa’, i.e., alguém pudico, sem falhas, incólume. Tomemos também, referindo à semântica do verbo, que algumas características desse se fazem importantes para a construção.

Descrito por Machado Vieira (2003), o verbo ‘FAZER’, em seu uso pleno, veicula traços como dinamicidade, causatividade, e, sobretudo para este caso, controle de um agente sobre um paciente. Tais características refletem-se nos usos e nas preferências de escolha em relação à outra construção, objeto deste estudo.

É importante notar, por fim, o significado veiculado propriamente pela construção, i.e., a intenção de ludibriar alguém com suas ações. Como no exemplo abaixo, retirado do *Corpus do Português*, podemos perceber o interesse do sujeito e sua intenção em ludibriar alguém:

(13) “Uma grande verdade o que você mencionou, sem dúvidas o sociopata se faz de amigo e desta maneira consegue mais facilmente seus objetivos” (<http://www.vidarealdasam.com.br/2011/04/transtorno-de-personalidade-anti-social.html>)

Tal idiosincrasia pode ser justificada na construção como uma especialização da característica do verbo FAZER no que se refere ao controle da ação. Essa característica, no uso da língua pelos falantes, pode motivar, para quem usa a construção com a intenção de ludibriar daquele que ‘se faz de alguma coisa’.

Assim como na descrição da construção anterior, a posição de sujeito na construção [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de SN/SAdj] possui especificação de traço [+ animado] para a propriedade do item que ocupa tal lugar. Dessa maneira, a construção se assemelha à previamente descrita, já que sua especificação é de sujeitos animados, e, quando o item ocupante da posição, prototipicamente, não o é, esse sofre efeitos coercitivos, de forma a ser interpretado como tal. Conforme a ilustração a seguir:

(14) “A primeira é o BC dar uma de Orfeu.” (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/5/29/dinheiro/25.html>)

Como se percebe, a categoria de sujeito é ocupada metonimicamente pelo termo BC (Banco Central) sobre o qual se projeta uma característica do personagem da mitologia grega, Orfeu. Certamente, a característica da personagem recai sobre o diretor do BC, ou sobre um conjunto de dirigentes desta instituição, tornando-os, assim, membros ocupantes de uma determinada categoria específica.

Em relação ao verbo ‘DAR’, observa-se que, na construção em estudo, ele se distancia daquilo descrito para o verbo ‘FAZER’ na construção anterior. Isso se dá por conta de o verbo ‘DAR’, não possuir, segundo Toledo (2008), especificação para o controle do sujeito sobre a ação. Esse argumento pode ser justificado por meio das relações semânticas do verbo DAR, que são problematizadas nos dois exemplos<sup>9</sup> a seguir:

(15) Paulo deu uma bola para Maria.

(16) Paulo deu uma topada.

Em (15), o verbo DAR carrega o significado prototípico de transferência de um objeto, em que o agente, Paulo, transfere algo para o alvo, Maria, o que expressa intencionalidade, de certo modo, controlada pelo agente. Ao passo que em (16), não se percebe a intencionalidade do agente. Por esse motivo, o verbo DAR, nesse contexto, não apresenta controle do sujeito, tal como esboçado por Toledo (2008). Desse modo, defendemos neste artigo que a construção [SUJ DAR<sub>flex</sub> uma de SN/SAdj] herda o traço de não controle do sujeito da construção ilustrada em (16). Assim, podemos postular que na referida construção, há casos em que a expressão semântica de enganação ou ludibriação não é apresentada, tal como se observa no exemplo a seguir:

(17) “Caminho de Santiago Internautas em busca de aventura encontram em [www.santiago.com.br](http://www.santiago.com.br) boas informações para

---

9 Estes exemplos foram criados com a finalidade de melhor ilustrar os argumentos.

quem quer **dar uma de** peregrino moderno pelo caminho de Santiago de Compostela.”(<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/informat/fr02069922.htm>)

No exemplo em questão, percebemos que o verbo ‘DAR’ não foi empregado com seu significado de transferência de algo concreto entre uma entidade e outra, mas estabelecendo uma relação entre o sujeito da construção (internautas) e uma categoria (peregrino moderno). Em outras palavras, o sujeito age de forma a corresponder, ser, aproximar-se da categoria de ‘peregrino moderno’, sem a presença da intenção de enganação.

Devemos ressaltar que o significado que emana dessa construção tem menos especificidades em relação à construção apresentada anteriormente, e isso pode ser por conta de uma construção motivadora, o verbo ‘DAR’, não possuir o traço [+controle]. Portanto, na construção [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de SN/SAdj] emerge a noção de enganação com a finalidade de ludibriar alguém, visto em:

(18) “Amor Eterno Amor: Melissa se faz de boazinha para tentar comover Rodrigo” (<http://wp.clicrbs.com.br/novela/2012/04/16/amor-eterno-amor-melissa-se-faz-de-boazinha-para-tentar-comover-rodrigo/?topo=52/page/3/>)

Na construção [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de SN/SAdj], o significado limita-se a apenas apresentar uma entidade que age de tal forma que a torna semelhante a uma categoria prototípica, representada por SN/SAdj, tal como expresso no dado abaixo retirado do *Corpus Brasileiro*:

(19) “Não vamos **dar uma de** mocinhos, mas vamos ter que cometer menos faltas nas partidas.” (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk210936.htm>)

Desse modo, a formalização final desta segunda construção é da seguinte forma:

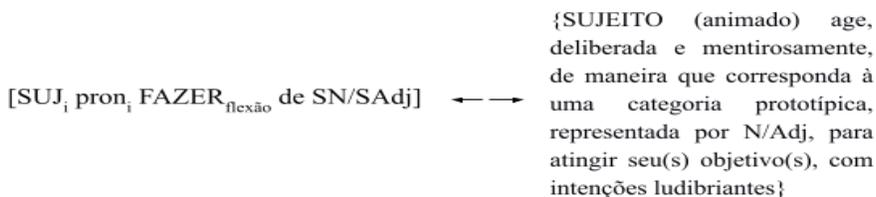


Figura 1: Formalização da Construção [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de SN/SAdj]

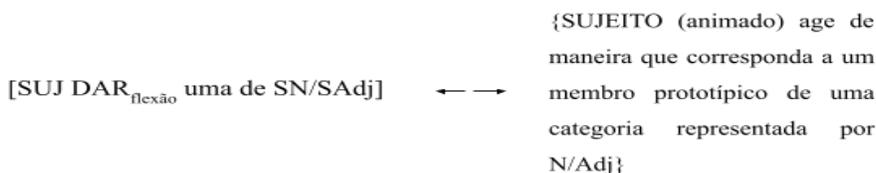


Figura 2: Formalização da Construção [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de SN/SAdj]

## 4. Discussão

A descrição das duas construções, aliada à comparação entre elas, faz com que algumas questões sejam levantadas. Como já mencionado em outras partes deste texto, duas questões interessantes se fazem no que tange o princípio da não sinonímia e no que tange a concepção de gramática em forma de rede. Vimos que as construções estão, por diversas vezes, ocupando os mesmos contextos de uso. Além disso, explicitamos como algumas outras construções da rede podem influenciar no significado final de uma construção, mesmo que esse significado seja, em si, não inteiramente motivado. O que se segue são algumas considerações sobre esses dois pontos.

Para este trabalho, um dos pontos de maior interesse gravitou em torno do (descrito por Goldberg (1995)) Princípio da Não Sinonímia. Como

já visto, tal princípio advoga contra a existência de construções formalmente diferentes, mas com significados idênticos. Interessa, aqui, assim, o fato de, por diversas vezes, instâncias de ambas as construções serem perfeitamente intercambiáveis em contextos idênticos. A título de ilustração, retomamos os exemplos que foram empregados em (1) e (2) no início do artigo:

(20) “Eu ainda iria dar muito antes de casar, desculpa, mas não sou hipócrita, nem me faça de santa, gosto de sentimentos, mas pra haver sentimentos, não precisa de um contrato enfiado no meio disso.” (<https://www.spiritfanfiction.com/historia/lolita-3873024/capitulo9>)

(21) “Fizeram muitas coisas de errado e agora querem dar uma de santinho. Quando eram jogadores, fizeram m... Inclusive, usaram drogas”(http://www.pressreader.com/brazil/agora/20111105/282488590516246)

Com isso, a questão que surge é: Seria o Princípio da Não Sinonímia inválido? A investigação teve tal questionamento como ponto de partida e a resposta obtida é que o princípio ainda se mantém válido.

Caso as duas construções ocupassem sempre os mesmos espaços, os argumentos a favor da existência de sinônimos perfeitos se confirmariam na língua. Entretanto, essa não foi a situação encontrada. O que notamos foi a especificação de uma construção, a saber, [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de SN/SAdj], para um significado específico (intenção de ludibriar), ao passo que a outra é mais abrangente, a saber, [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de SN/SAdj], ao não apresentar, em seu polo funcional, tal especificação. Dessa forma, notamos que o que de fato ocorre é uma especialização de uma das construções para uma função mais restrita.

Outro ponto de grande interesse aqui era em como as construções estudadas se relacionavam com outras dentro do *constructicon*. De certa maneira, tais relações, entendidas como motivações, para alguns dos

significados percebidos nas construções, podem explicar o porquê da escolha de um falante por uma construção e não por outra.

Como já descrito, a construção [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de SN/SAdj] tem como uma de suas motivações principais no verbo ‘FAZER’. O verbo ‘FAZER’, por conta de, em seu uso pleno, possuir [+controle] do sujeito sobre o complemento verbal, faz com que o sujeito da construção [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de SN/SAdj] tenha controle sobre o ato de representar um membro prototípico de outra categoria, o que pôde, possivelmente, fazer com que a especificação de ‘intenção de ludibriar’ emergisse. Além disso, a construção [FAZER<sub>flexão</sub> N<sub>i</sub> de N<sub>j</sub>], exemplificada por “[...]do cachorro que fez o sofá de ração[...]” (blogmulherao.com.br/7742/coloca-na-conta-do-não-consigo/), também propicia de mudar a função de uma coisa, sem que essa coisa perca sua real função. Isso se dá por conta de a função da construção [FAZER<sub>flexão</sub> N<sub>i</sub> de N<sub>j</sub>] ser {sujeito usa de N<sub>i</sub> com funções características de N<sub>j</sub>, sem que N<sub>i</sub> seja membro da categoria de N<sub>j</sub>.

Também descrito para a construção [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de SN/SAdj], suas motivações se dão principalmente com o item [uma de N], indicando, na construção aqui descrita, uma característica de um membro prototípico da categoria representada por SN/SAdj, e com o verbo o verbo ‘DAR’. O verbo, como já mencionado, não possui, quando pleno, especificação para [controle] do sujeito sobre algo, o que fez com que a construção fosse não especificada também para o controle do sujeito sobre o ato de representar um membro de uma categoria que não a categoria a qual o sujeito pertence.

Dessa forma, um mapa (incipiente, somente formal) possível de relações e motivações construcionais, para ambas as construções, poderia ser formulado da seguinte maneira:

## (22) Construção [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de SN/SAdj]

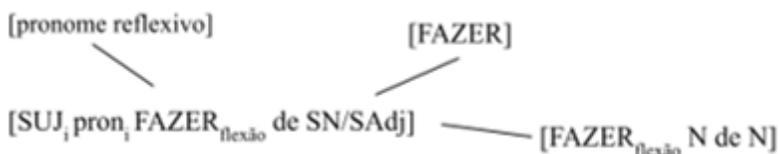


Figura 3: Rede de motivações da Construção [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de SN/SAdj]

### (23) Construção [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de SN/SAdj]



Figura 4: Rede de motivações da Construção [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de SN/SAdj]

De acordo com as redes apresentadas, chamamos a atenção para as seguintes questões: a) Na construção [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de SN/SAdj], a semântica do verbo FAZER tem papel crucial para a significação final da construção, já que essa especifica o controle de um agente sobre um paciente b) Na construção [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de SN/SAdj] o ponto central da discussão gira em torno da semântica do verbo DAR, em contextos de não intenção ou de não controle do sujeito. Dessa forma, argumenta-se aqui, em consonância com trabalhos que versam sobre motivação entre construções que, apesar de as construções serem nós independentes em uma rede, essas são influenciadas por outras, mostrando (i) como o inventário de construções gramaticais de um falante está conectado e (ii) como, mesmo possuindo formas e significados

presentes em outras, uma construção possui significados próprios que não seriam explicáveis através de derivações. Assim, apresentamos mais dois exemplos com a finalidade de explicitar a semântica específica de cada construção:

(24) Melissa. A que **se faz de** amiga é a mais perigosa, é a mais inteligente. ([https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/7/27/revista\\_da\\_folha/13.html](https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/7/27/revista_da_folha/13.html))

(25) O resto do elenco, Aracy Balabanian e Luiz Gustavo em especial, ficou tão mudo e constrangido quanto a plateia, que só soltou uma gargalhada histérica na hora em que Dercy resolveu **dar uma de** Isaac Newton e provar, usando os seios, que a Lei da Gravidade é mesmo implacável. (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/9/13/cotidiano/7.html>)

Tais fatos se mostram como argumentos a favor da não existência de sinônimos perfeitos, assim como da estruturação em rede do *constructicon* e que, por conta de as construções se influenciarem mutuamente, o uso dessas acaba por se diferir. Ainda assim, há que se entender este trabalho como um trabalho descritivo inicial, que ainda pode se tornar mais denso. O trabalho com *corpora* se mostrou frutífero, revelando tendências, tanto estruturais quanto funcionais de ambas as construções; porém, uma continuidade para o trabalho se mostraria interessante. Trabalhos experimentais, por exemplo, em que testes avaliativos de instâncias reais e fabricadas fossem aplicados poderiam render bons resultados para a discussão aqui contida. Além disso, não são somente as construções aqui descritas que veiculam os significados propostos ou parecidos. Produções como “A mulher que se passou por cientista para entender a doença fatal e sem cura dos filhos” (BBC Brasil) ampliam a discussão e a fazem como não encerrada.

## Palavras finais

Neste artigo, tentamos focalizar a discussão sobre os padrões linguísticos não regulares, uma vez que ainda percebemos uma carência de descrições destes modelos no português brasileiro. Partindo da análise de duas construções sob o molde de expressões idiomáticas, a saber [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de SN/SAdj] e [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de SN/SAdj], objetivamos identificar o significado que emerge das construções, não sob o viés da derivação, mas da motivação de construções ligadas em rede.

O ponto de partida para o desenvolvimento deste artigo se deu com a observação de que duas construções, de padrões não regulares, pareciam evocar o mesmo conteúdo semântico. Uma análise preliminar dos dados possibilitou verificar que este conteúdo expressava algo, como: MENTIR FINGINDO SER ALGO QUE NÃO É. Para realizar uma descrição com certo grau de aprofundamento, recorreremos ao arcabouço teórico da Gramática de Construções, por meio do qual se colocou em voga o Princípio da Não Sinonímia, tal como postulado por Goldberg (1995).

A fim de sustentar o argumento de que as construções em estudo não são sinônimas, buscamos mecanismos de análise que dessem conta de explicar o fato em questão. Para tal, fizemos uso do trabalho de Goldberg & Auwera (2012), por meio do qual apropriamo-nos do conceito de gramática em formato de rede para explicar o processo de influência entre as construções de uma determinada rede.

Para recrutar os dados, recorreremos a dois grandes bancos de dados, a saber: *Corpus do Português* e *Corpus Brasileiro*. Como já foi mencionado, a escolha de *corpora* para a seleção dos dados se deu em função da necessidade de realizarmos uma pesquisa com dados de uso real da língua. No entanto, não descartamos a possibilidade do uso de outros procedimentos metodológicos, tais como a realização de testes avaliativos, como forma de enriquecer ainda mais a discussão.

Por ora, o uso de dados, oriundos de *corpora*, possibilitou realizar uma formalização acerca das duas construções [SUJ<sub>i</sub> pron<sub>i</sub> FAZER<sub>flexão</sub> de SN/SAdj] e [SUJ DAR<sub>flexão</sub> uma de SN/SAdj]. No que diz respeito à primeira, pudemos concluir que em seu significado está presente a noção de um sujeito que age de maneira deliberada com a intenção de ludibriar alguém. Já no que diz respeito à segunda, pudemos concluir que em seu significado está presente a noção de um sujeito que age de maneira a corresponder a uma categoria prototípica. Portanto, essa última, evoca uma informação mais genérica; enquanto a primeira, mais específica. Nesse sentido, faz-se valer o Princípio da Não Sinonímia de Goldberg (1995), no qual há a sustentação do ponto de vista de que não existem sinônimos perfeitos na língua.

Devemos ressaltar que este artigo não esgota a discussão em torno do assunto aqui abordado, pelo contrário, ele funciona como um convite para a comunidade acadêmica, sobretudo brasileira, com o intuito de estimular o desenvolvimento de pesquisas de padrões linguísticos não regulares, sob a ótica dos estudos construcionistas.

## Referências Bibliográficas

AMERICO, C. Rússia Tem Provas De Que Os Rebeldes Sírios É Que Usaram Armas Químicas. **Lorotas Políticas e Verdades Efêmeras**. 2013. Disponível em <<http://lorotaspoliticaseverdades.blogspot.com/2013/08/russia-tem-provas-de-que-os-rebeldes.html>>. Acesso em: Janeiro, 2018

A mulher que se passou por cientista para entender a doença fatal e sem cura dos filhos. BBC. Disponível em <<http://www.bbc.com/portuguese/geral-42486075>>. Acesso em Janeiro, 2018.

FUI tributado, e o preço está errado ! Blog Do Jotacê. Disponível em <<http://blogdojotace.com.br/forum/compras-internacionais/fui-tributado-e-o-preco-esta-errado-t127.html>>. Acesso em: Janeiro, 2018

POSKUS, R. Coloca na conta do não consigo. **Blog Mulherão**. Disponível em <<https://blogmulherao.com.br/7742/coloca-na-conta-do-nao-consigo/>>. Acesso em Janeiro, 2018.

BOOIJ, Geert. Construction morphology. **Language and linguistics compass**, v. 4, n. 7. Oxford, Inglaterra: Oxford University Press. 2010. p. 543-555

BRASILEIRO, Corpus. Disponível em <<http://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CBRAS>>. Acesso em: Setembro, 2017.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge, Inglaterra. Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W.. **Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective**. Oxford, Inglaterra: Oxford University Press. 2001.

DAVIES, M. *Corpus do Português: Web/Dialects*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>>. 2016-. Acesso em: Setembro, 2017

DIESSEL, H. **The Grammar Network: How language structure is shaped by language use**. Cambridge: University Press, 2019.

FONSECA, E. G. Banco Central evoca Ulisses e as sereias. **Folha de São Paulo**. 1994. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/5/29/dinheiro/25.html>>. Acesso em: Janeiro, 2018.

ENDEREÇOS on line. **Folha de São Paulo**. 1999. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/informat/fr02069922.htm>>. Acesso em: Janeiro, 2018

GALVÃO, D. Ensaio sobre a cegueira - José Saramago - Escolha seu lado egoísmo X bondade. **Crendo e Refletindo**. 2013. Disponível em: <<https://crendoerefletindo.blogspot.com/2013/09/ensaio-sobre-cegueira-jose-saramago.html>>. Acesso em: Janeiro, 2018.

GANCIA, B. Emissoras de TV topam tudo por dinheiro. **Folha de São Paulo**. 1996. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/9/13/cotidiano/7.html>>. Acesso em: Janeiro, 2018.

GOLDBERG, A. E. **Constructions: A construction grammar approach to argument structure**. Chicago, EUA: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work. The nature of generalization in language**. Oxford, Inglaterra: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E.; AUWERA, J. v. d. **This is to count as a construction**. *Folia Linguistica*, 46(1). 2012. p. 109-132. Disponível em: <<https://doi.org/10.1515/flin.2012.4>>. Acesso em: Setembro, 2017.

HAIMAN, J. Natural syntax. Iconicity and erosion. **Cambridge Studies in Linguistics London**, n. 44. Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press. 1985. p. 1-285

LAKOFF, G. Women Fire and dangerous things. What categories reveal about mind. Chicago, EUA: Chicago University Press, 1987.

LANGACKER, R. Foundations of Cognitive Grammar, Vol 1: Theoretical Prerequisites. Stanford, EUA: Stanford University Press, 1987.

MACHADO VIEIRA, M. Caracterização do comportamento multifuncional de fazer. In: BRANDÃO, S; MOTA, M. (orgs.). **Análise construtiva de variedade do português: primeiro estudo**, Rio de Janeiro: In Fólio, 2003.

PEREK, F. **Argument Structure in Usage-Based Construction Grammar**. Amsterdam, Países Baixos: John Benjamins, 2015.

PRADELLA, M. V. Amor Eterno Amor: Melissa se faz de boazinha para tentar comover Rodrigo. Disponível <<http://wp.clicrbs.com.br/novelleiros/2012/04/16/amor-eterno-amor-melissa-se-faz-de-boazinha-para-tentar-comover-rodrigo/?topo=52/page/3/>>. Acesso em: Janeiro, 2018.

ROMÁRIO sai em defesa da jóia. **PRESSREADER**. Disponível em <<http://www.pressreader.com/brazil/agora/20111105/282488590516246>>. Acesso em: Janeiro, 2018.

SAMMY, S. Transtorno de Identidade Anti-Social - O Sociopata pode estar ao seu lado... Cuidado!. Disponível em <<http://www.vidarealdasam.com.br/2011/04/transtorno-de-personalidade-anti-social.html>>. Acesso em: Janeiro, 2018.

SFALSIN, C. Mensagens para amigos falsos. **Pensador**. Disponível em <[https://www.pensador.com/mensagens\\_para\\_amigos\\_falsos/10/](https://www.pensador.com/mensagens_para_amigos_falsos/10/)>. Acesso em: Janeiro, 2018.

TOLEDO, G. **Construções com DAR + sintagma nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbonominais e predicadores simples**. 2008. 334f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

TWINKLE, B. História Lolita. **Spirit Fanfic**. Disponível em <<https://www.spiritfanfiction.com/historia/lolita-3873024/capitulo9>>. Acesso em: Janeiro, 2018.

ZINHO prevê mudanças. **Folha de São Paulo**. 1997. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk210936.htm>>. Acesso em: Janeiro, 2018.

FÁVERO, L. Como tratar a rival. **Folha de São Paulo**. 1997. Disponível em: <[https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/7/27/revista\\_da\\_folha/13.html](https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/7/27/revista_da_folha/13.html)>. Acesso em: Janeiro, 2018.hai